

Dra. Leslie Allen, Lamentações, Sessão 15, Lamentações e o Cristianismo

© 2024 Leslie Allen e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Lamentações. Esta é a sessão 15, Lamentações e Cristianismo.

Deixamos para trás o texto direto de Lamentações, mas o que quero fazer com vocês agora é estudar Lamentações com vocês a partir de uma perspectiva cristã.

Tenho 15 pontos que quero trazer para vocês.

A primeira é que existe, de fato, uma contraparte de Lamentações no Novo Testamento. Encontramos isso no Evangelho de Lucas no capítulo 19 e nos versículos 41 a 44. Aqui está Jesus vindo a Jerusalém, chegando perto de Jerusalém, e ele chora por Jerusalém, não pelo que sofreu, mas pelo que irá sofrer.

Assim, enquanto Lamentações olha para trás, Jesus olha para frente. Ele tem a mesma expressão de pesar que encontramos em Lamentações e também uma pitada de culpa. Quando Jesus se aproximou e viu a cidade, ele chorou sobre ela, dizendo: se você, mesmo você, tivesse reconhecido neste dia as coisas que contribuem para a paz, mas agora elas estão escondidas dos seus olhos.

Na verdade, chegarão dias em que os seus inimigos erguerão muralhas ao seu redor, cercarão você e o cercarão por todos os lados. Eles irão esmagá-lo até o chão, você e seus filhos dentro de você, e não deixarão dentro de você pedra sobre pedra porque você não reconheceu o momento de sua visita de Deus. E assim está, olhando para o ano 70 d.C. e para a nova queda de Jerusalém e para a destruição do segundo templo, o templo de Herodes.

E assim, há uma espécie de paralelo com Lamentações e encontramos uma expressão semelhante de culpa e tristeza nos lábios de Jesus. Deixe-me dizer que há duas boas maneiras de resumir Lamentações. E aqui está uma maneira.

Cito o Manual Zondervan da Bíblia. Lamentações é uma coleção de cinco lamentos que lamentam a destruição de Jerusalém pelo exército babilônico em 587 AC. Minha única discordância com isso é que acho que foi 586, mas esse é um ponto menor.

Mas tudo bem. Essa é uma questão de exegese histórica, e temos que olhar para o contexto histórico do texto, e isso funciona muito bem aqui. Mas não podemos ficar aí.

Deixe-me agora voltar para a Introdução ao Antigo Testamento de Brevard Childs. Significativamente, o título completo do livro é Introdução ao Antigo Testamento como Escritura. Aqui ele encontra uma abordagem hermenêutica.

Ele encontra algo de valor permanente no livro, em vez de simplesmente na história. E foi isso que Childs escreveu. O livro de Lamentações serve cada geração sucessiva de fiéis, os fiéis sofredores, para quem a história se tornou insuportável.

E aí está. E é tão bom. Ele resumiu muito bem.

Ele tem em mente cada geração de crentes que passam por momentos de terríveis dificuldades. Então esse é o segundo ponto.

O terceiro ponto, Lamentações, tem um significado canônico, pois também se alinha com outras partes das Escrituras, em vários detalhes.

Por exemplo, Deus é sensível ao sofrimento. Esse foi um ponto muito implícito pelo mentor e pelas congregações que se aventuraram a orar no Capítulo 5. Mas Deus é sensível ao sofrimento. Refiro-vos ao livro de Êxodo, capítulo 2, versículos 23 a 25.

Depois de muito tempo, o rei do Egito morreu. Os israelitas gemeram sob a escravidão e clamaram. Saindo da escravidão, o seu grito de socorro elevou-se a Deus.

Deus ouviu seus gemidos e lembrou-se de sua aliança com Abraão, Isaque e Jacó. Deus olhou para os israelitas e Deus os notou. E me lembro muito daquela petição que encontramos mais de uma vez em Lamentações.

Olhe e veja, Senhor. Olhe e veja o que Deus faz aqui. Passando para Êxodo 3, versículos 7 a 9, encontramos uma afirmação semelhante.

O Senhor disse que observei a miséria do meu povo que está no Egito. ouvi o seu clamor por causa dos seus capatazes. Na verdade, conheço seus sofrimentos.

Eu desci para libertá-los dos egípcios e para tirá-los daquela terra para uma terra boa e ampla, uma terra que mana leite e mel para o país dos cananeus e assim por diante. O clamor dos israelitas chegou agora a mim. Também vi como os egípcios os oprimiram.

E esse é um pensamento subjacente que o mentor teve e ao qual a congregação se agarrou, que Deus seria sensível e realmente viria em sua ajuda. Uma segunda área de significado canônico é que havia uma lição para o povo de Deus aprender no tipo de linguagem que lemos em Lamentações. E aqui estou pensando em Êxodo capítulo

12 e versículo 15, a exortação a alegrar-se com os que se alegram e chorar com os que choram.

E isso era algo que o mentor , acima de tudo, poderia fazer. Ele foi alguém que chorou com aqueles que choraram. E por que precisamos fazer isso? Bem, em Eclesiastes há uma afirmação básica que precisamos levar a sério.

E está em Eclesiastes capítulo 2, versículo 6. E deixe-me voltar rapidamente a isso. Está falando sobre eles; é o capítulo 3 e o versículo 6, na verdade. Vamos acertar, e é o capítulo 3 e o versículo 4. E está falando de tempos diferentes.

E às vezes temos bons momentos e outros momentos; há momentos ruins. E há essa diferenciação. E o versículo 4 do capítulo 3 diz, há tempo de chorar e tempo de rir, tempo de lamentar e tempo de dançar.

Precisamos reconhecer esses tempos, tanto para nós mesmos quanto para os outros ao nosso redor. Se for hora de chorar, então precisamos chorar por nós mesmos e pelos outros que estão chorando. Se é hora de lamentar, então precisamos lamentar e dar tempo a isso, de fato.

E no geral, então, há uma grande necessidade de sofrimento humano. As lamentações afirmam muito que a dor é necessária; é preciso lamentar. Descobrimos que a ênfase no lamento fúnebre, que domina grande parte desse livro, é a necessidade do sofrimento humano.

E assim, de modo geral, podemos falar do valor espiritual das lamentações como uma longa exposição de tristeza. Precisamos deste livro. Este livro é um livro para nós. Faz parte das escrituras.

Depois, há um quarto ponto: a necessidade de verbalizar o luto. Me deparei com um livro, acho que era em língua estrangeira mas tinha sido traduzido para o inglês, chama-se Sofrimento.

E foi escrito por uma mulher chamada Dorothee Surla. E ela falou de sofrimento e linguagem. Na verdade, o capítulo três desse livro chamava-se Sofrimento e Linguagem.

Ela disse que o primeiro passo para superar o sofrimento é encontrar uma linguagem que saia do sofrimento incompreendido que deixa alguém mudo. Precisamos de uma linguagem de lamento, de uma linguagem de choro, de uma linguagem de dor. Isto enfatiza a necessidade de verbalizar o luto e de retirá-lo do sistema, verbalizando-o e articulando-o.

Há um livro que considero valioso, talvez mais do que muitos outros livros, um livro técnico sobre luto. Chama-se *The Path Through Grief* e é escrito por uma mulher chamada Marguerite Mouvard . E vou ver diferentes coisas que quero citar desse livro neste vídeo em particular.

E, por exemplo, ela diz, deixe-me voltar à referência. Ela é quem cita . Você se lembra que citei um poema de Ruth Feldman? Este era o poema, e foi aqui que o consegui. Quando as águas da perda subiram, construí uma arca de palavras, peguei duas de cada parte do discurso e embarquei no dilúvio.

E aí estamos nós. O poema continua, mas foi exatamente aquela primeira estrofe que achei tão válida. Marguerite Mouvard prossegue dizendo que, mais adiante nesse capítulo, falar é a forma mais óbvia de expressar os nossos sentimentos.

Podemos descrevê-los em toda a sua plenitude e detalhe. Podemos dar exemplos e trazer nuances de significado, cor, intensidade e nuance. Podemos até usar metáforas para sentimentos sutis que não são facilmente definidos.

Ela continua falando da necessidade de falar. Certamente, há muita conversa por parte do mentor, primeiro quando a congregação não conseguiu fazê-lo, mas orientando seus pensamentos, fazendo-os entender o que estava acontecendo e, finalmente, eles podem falar por si mesmos. E esse é o grande clímax.

O quinto ponto é que temos uma busca por interpretação e avaliação em *Lamentações* . Existe algum significado no que aconteceu conosco? E neste caso específico, há um sim trazido pelo mentor em resposta.

E há uma descoberta de significado. Dissemos que tínhamos que ter muito cuidado com esta questão específica. O luto é tão diferente, e não devemos presumir que conhecemos a natureza do luto para qualquer indivíduo.

Temos que ouvir com muita atenção. Mas para essas pessoas que ficaram para trás em 586, o que precisavam era de uma mensagem muito próxima da dos Alcoólicos Anônimos, como já mencionamos. Assumir a responsabilidade pelo que aconteceu e perceber que eles foram os responsáveis, perceber que eles eram os culpados neste caso específico.

Como eu disse, o luto assume muitas formas e tamanhos, e a maioria dos exemplos de luto não se enquadra nesta categoria, mas se isso acontecer, então deve ser apontado.

O sexto ponto é a santificação da dor humana. O que quero dizer com isso? Bem, o nome do livro, nós o chamamos de *Lamentações*, e há uma razão para isso.

Na tradição hebraica, na tradição judaica, o livro tem dois nomes. E o primeiro segue um padrão que frequentemente encontramos nos livros da Bíblia Hebraica. Você pega a primeira palavra e esse é o nome.

E então Echa, aquele grito, aquele grito, você pode se referir a Lamentações. Diz em Echa, e aí está você. Mas eles tinham outro nome para isso, e era Kinot .

E Kina, acho que já mencionei antes, é a palavra para um lamento fúnebre. E Kinot é o plural, lamentos fúnebres. E é muito impressionante que esse seja o nome do livro.

Poderia ter sido chamada de Orações ou Orações de Lamento e haveria uma palavra hebraica que se encaixaria nessa descrição. Mas há esta santificação da dor humana no nome do livro. Lamentações fúnebres.

O luto é necessário. Esses processos de luto são necessários e se prendem a um dos dois gêneros que encontramos no livro. Não o lamento de oração, talvez o modo mais respeitável, o caminho espiritual, o caminho teológico, mas aquele processo humano de lidar com a dor lenta mas seguramente, o Kina, esse lamento fúnebre, com todas as suas manifestações físicas de rasgar suas roupas e explodir em lágrimas e assim por diante. E então, é uma celebração do que está acontecendo no título real.

E então o próximo ponto, o sétimo ponto, nos dá apoio no luto, fornecendo um modelo bíblico. O luto é certo porque aqui está um relato de pessoas que sofreram durante todo o período de Lamentações.

Isso me lembra alguns outros modelos que encontramos no Antigo Testamento, e um deles é uma narrativa em 1 Samuel. Você se lembra de Hanna? Ela não teve filho. Houve uma segunda esposa que teve um filho, e talvez ela tenha dito, segure meu bebê um pouco, mas não por muito tempo.

Tenho que amamentar meu bebê porque é meu bebê, não é? Não é seu bebê. E ela era bastante desagradável. Aquela outra esposa era bastante desagradável.

E Hannah estava tão triste, e o pobre marido, apanhado no meio, tentou consolá-la; bem, eu te amo, eu te amo, mas de alguma forma isso não foi suficiente. E então , na época do festival, ela vai ao templo em Siló, e diz, 1 Samuel 1.10, ela ficou profundamente angustiada e orou ao Senhor e chorou amargamente. E ela fez este voto, ó Senhor dos Exércitos, se ao menos você olhasse para a miséria de seu servo e se lembrasse de mim e não perdoasse seu servo, mas desse a seu servo um filho homem.

Então eu o apresentarei diante de vocês como nazireu até o dia da sua morte. Vou entregá-lo ao seu serviço. E aí estamos, esse é outro modelo religioso e a promessa

que Ana faz, mas ela quer, ela está tentando convencer Deus, eu quero muito um filho.

Não vou ficar com ele, vou cuidar dele por três anos, mas depois vou entregá-lo aos seus cuidados, entregá-lo ao santuário. E então o segundo modelo não é uma narrativa em si, mas é encontrado na oração; é encontrado na oração de Salomão em 2 Reis. 2 Reis capítulo 8 e versículos 37 até, não, é 1 Rei, não é, 1 Rei capítulo 8 versículos 37 a 39.

Está falando sobre o uso que o templo pode ter, e um uso principal é ser um lugar onde lamentos de oração podem ser ouvidos. E então pode haver todos os tipos de crises, mas seja qual for a crise, você pode ir ao templo com a certeza de que Deus ouvirá e responderá a essas orações. E assim, se houver alguma fome na terra, se houver peste, praga, mofo, gafanhotos ou lagartas, muita coisa pode dar errado e impedir a colheita.

Se o seu inimigo os sitiar em qualquer uma das suas cidades, isso nos aproxima das lamentações. Seja qual for a praga, qualquer doença que exista, qualquer oração, qualquer apelo que exista de qualquer indivíduo ou de todo o seu povo, individual ou comunitário. Todos conheciam a aflição de seus próprios corações, por isso estenderam as mãos para esta casa.

E a aflição do próprio coração, ou seja, esta reação subjetiva a esta crise objetiva, seja ela qual for. Estender as mãos para esta casa é o que eles precisam fazer. E então aqui está a oração, aqui no céu, sua morada, perdoe, aja e retribua a todos cujos corações você conhece.

E aí está, há outro modelo no uso específico que o templo pode ter. E acredito que esta oração é trazida ao contexto físico do templo em ruínas.

E então o oitavo ponto, notamos que é um longo processo de lamentações e parece continuar indefinidamente.

E às vezes andava em círculos. A dor continuou voltando, assim como a mágoa e a culpa. Mas essa sensação de perda continuou voltando e dominando todos os poemas.

CS Lewis, não o mencionei muito, mas seu livrinho, *A Grief Observed*, é um clássico no estudo do luto. Porque ele escreveu suas reações depois que sua esposa, amada esposa Joy, morreu de câncer. E ele disse uma coisa: a dor é como um bombardeiro circulando e soltando suas bombas cada vez que o círculo o traz para cima.

Então, ele continua voltando e voltando por um longo período de tempo. E é assim que é o luto. E você sente nessas referências repetidas que isso continua voltando, e é um reflexo de como a congregação estava pensando e deveria pensar.

Essa é uma parte natural do processamento do luto. E aqui novamente me refiro ao livro, *The Path Through Grief*. Acho que tem um bom comentário neste momento.

O luto é imprevisível. Uma pessoa tem uma série de dias bons e depois mergulha novamente em um renovado sentimento de tristeza. Mas isso não significa retrocesso ou falta de progresso.

Altos e baixos frequentes são uma parte normal do luto. E há essa incerteza. Ele assume o controle por um tempo, vai embora e volta novamente. Isto é o que está acontecendo em *Lamentações*.

O nono ponto é que há espaço para protestos. Há espaço para desafios, até mesmo para desafiar a Deus. E vimos isso no vídeo anterior, por que, por quê? Não apenas um porquê, dois porquês.

Porque porque? E este é um motivo de perplexidade e de protesto. E Lewis observou isso em seu livro *A Grief Observed*. E um comentário que ele faz parece cínico, mas é como ele se sentia.

Deus está tão ausente, ajuda nos problemas. E isso está muito de acordo com a forma como *Lamentações* termina.

E então o décimo ponto, há espaço para queixas.

A queixa contra outras pessoas é um apelo para que a justiça seja feita. E vimos nas próprias *Lamentações* esse pedido de queixa colocado em termos de petição. No capítulo 1 e versículo 9, descobrimos que Sião interrompe.

Ó Senhor, olha para a minha aflição, pois o inimigo triunfou. O inimigo agiu em grande estilo. O inimigo agiu com arrogância.

Há um protesto contra este inimigo e há um apelo para puni-lo. Eles estão errados e precisam ser punidos.

Posso muito bem estar errado, estou, mas eles também estão errados. E então seja justo, castigue-os. E no final do capítulo 1, deixe-os ser como eu.

Deixe todas as suas maldades virem diante de você. Trate com eles como você tratou comigo por causa de todas as minhas transgressões. Há algo errado do lado deles também.

E por uma questão de justiça, algo deve ser feito. E segue em frente naquela oração de reclamação que o mentor repete em 3:59. Você viu o mal feito a mim, oh Senhor. Julgue minha causa, fique do meu lado.

E 64 a 66, pague-lhes por suas ações, ó Senhor, de acordo com o trabalho de suas mãos. Persiga-os com raiva e destrua-os de debaixo do céu do Senhor. Poderíamos dizer que não é cristão, mas podemos lembrar que mencionei 2 Tessalonicenses, capítulo 1, nos versículos 5 a 10.

Há esta mesma declaração compassiva que Paulo está fazendo – compassiva em nome dos cristãos tessalonicenses perseguidos – de que Deus punirá aqueles que o perseguem. Encontramos isso, por exemplo, no livro do Apocalipse.

Apocalipse capítulo 6, versículos 9 e 10. Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas daqueles que foram massacrados pela palavra de Deus e pelo testemunho que deram. Eles clamaram em alta voz: Soberano Senhor, santo e verdadeiro, até quando? Proteste aí, desafie.

Quanto tempo demorará até que você julgue e vingue nosso sangue sobre os habitantes da terra? Encontramos isso também numa parábola que Jesus contou em Lucas 18. Ele contou uma parábola sobre uma viúva que continua chegando a esse juiz e dizendo: Conceda-me justiça contra meu oponente. E ela o incomoda e o incomoda, e eventualmente este juiz diz: Eu farei justiça a ela.

Então, ela não pode me cansar vindo continuamente. E o significado da parábola, ouça o que diz o juiz injusto. Não concederá Deus justiça aos seus escolhidos que clamam a ele dia e noite? Ele demorará muito em ajudá-los? Eu lhe digo, ele rapidamente lhes concederá justiça.

Justiça contra os seus oponentes, na verdade. E aí está. Gosto de ler livros de mistério.

No momento estou lendo uma série, cerca de 15, escrita por um autor britânico, PD James. E ela na verdade era anglicana. E encontramos temas teológicos surgindo aqui e ali.

E ela escreveu um livro chamado Pecado Original. E esse título, por trás desse título, é o fato de haver uma editora às margens do rio Tâmesa, em Londres. E houve alguns erros passados que foram cometidos em gerações anteriores entre aqueles que possuíam e dirigiam esta gráfica.

E funcionou de maneiras diferentes. E esse foi o enredo geral. Mas o que quero referir é uma cena específica.

Havia um escritório lá. E você encontra esse homem, esse homem de meia-idade, que na verdade é judeu. E depois há uma jovem, uma jovem datilógrafa.

E ela não tem muitos sentimentos ou aspirações espirituais. Mas um dia, ela fala sobre Deus. E ela diz a esse funcionário, a esse funcionário, a esse judeu: Se eu tivesse um Deus, gostaria que ele fosse inteligente, alegre e divertido.

E seu colega judeu disse que duvido que você o reconfortasse quando o levassem para as câmaras de gás. Você pode preferir um Deus de vingança. E aí está.

Isso resume tudo. Depende de onde estamos. E quando somos perseguidos, clamamos da maneira que essas escrituras indicam no Novo Testamento e no Antigo Testamento.

Portanto, há espaço para queixas, dizem as escrituras. E um apelo à justiça contra os inimigos humanos que nos fazem mal.

Depois, o décimo primeiro ponto, um ponto de viragem, um ponto de viragem.

Como eu disse antes, não é um encerramento. Eventualmente, espera-se chegar ao encerramento, mas há um ponto de viragem em que a dor é tão forte como sempre.

Mas sim, você pode ver o início de um amanhecer, o início daquela escuridão se dissipando lentamente no leste. Apenas um pequeno sinal disso. E este é o ponto que Lamentações 5 chega.

Este ponto de viragem e vislumbres de esperança para um futuro positivo. E foi isso que o mentor experimentou ao falar de suas reflexões diante daquele primeiro lamento que Deus respondeu. E Deus se aproximou e disse: não temas.

E isso foi um ponto de viragem para ele. E junto com esse ponto de viragem, ele pensou nesse sofrimento. Eu não cheguei ao fim.

Eu não cheguei ao fim. Sou um sobrevivente, na verdade. E isso o leva a explorar Êxodo 34 e versículo 6 e o tesouro que ele encontra lá.

Mas esses vislumbres de esperança para um futuro positivo devem ser auto-realizados. E, contra isso, podemos ter amigos bem-intencionados que nos acompanham e nos garantem que no final tudo será melhor. Nós vamos superar isso.

E não apreciamos isso na época. E aquele livro, *The Path of Grief*, menciona isso. Na verdade, aprendi algumas maneiras de lidar com pessoas que dizem coisas como: é tudo para o melhor.

Você não sabe disso agora, mas um dia saberá. Acho que diria agora. Eu simplesmente não me sinto assim.

E então, não é útil. E há pessoas que gostam de citar Romanos 8:28. Vai ficar tudo bem. Romanos 8:28. Todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, que são chamados segundo o seu propósito.

Está tudo bem. Apenas acredite nisso. E não é tão fácil assim.

E o que você precisa lembrar é o contexto em que Romanos 8:28 é falado. E é falado por e para pessoas que estão passando, no versículo 35, por dificuldades, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo ou espada. Todas essas perspectivas eram muito reais ou realmente vivenciadas.

Nesse contexto, podemos usar Romanos 8:28. E assim, podemos usá-lo se tivermos passado por esse sofrimento e dissermos, sim, é verdade. Podemos usá-lo para um irmão crente que está sofrendo se o usarmos como testemunho. Eu sei que é verdade, mas apenas descartar isso por si só não ajuda.

Mas vislumbres auto-realizados de esperança para um futuro positivo são um lugar maravilhoso para se alcançar. E é um ponto de viragem.

O décimo segundo ponto que quero levantar é a questão do curador ferido, que já abordei antes.

Não vou tratar disso longamente agora. Vimos que isso remonta ao antigo mito recolhido por Carl Jung e depois repetido por Henry Nowen, que o aplicou aos pastores em seu livro *The Wounded Healer*. O mentor é um curador de feridos.

E suas cicatrizes o qualificaram, pode-se dizer, para tratar as feridas abertas daqueles que estavam ao seu redor. Mas também há outra sensação que é verdadeira, e à qual vimos o mentor sucumbir, de que pode ser demais tentar ajudar alguém que está sofrendo. E a pessoa assume isso demais, e é tão opressor.

E é preciso dar um tempo depois. Vimos dois lugares no capítulo 2 e no capítulo 3 em que o mentor responde exatamente dessa maneira. Ele não aguenta.

É tão impressionante. Isto também é verdade. Vai de encontro ao conceito do curador ferido.

13º ponto, é necessário um tempo adequado para o luto. Podemos ficar impacientes com outras pessoas que estão sofrendo. E nós dizemos, supere isso.

Deixe isso para trás. Isso é o que queremos dizer. Este é um luxo ao qual você está se entregando ao ficar aqui.

E de certa forma, o mentor se deparou com essa situação. E acho que esse é o segredo do capítulo 4, que ele percebeu que precisava mostrar paciência. Você não pode pular do capítulo 3 para o capítulo 5. Você precisa sofrer um pouco mais.

A congregação, você tem que sofrer mais. E assim, o luto tem seu próprio cronograma. É necessário um tempo adequado.

Décimo quarto, temos que compreender que o luto pode causar um risco à fé ou à vida. E há o caso de Charles Darwin. E eu estava lendo um artigo outro dia que falava exatamente sobre isso.

Charles Darwin, ele perdeu a fé. E deixe-me contar por que ele perdeu a fé. Charles Darwin nunca se recuperou realmente da morte de sua filha favorita, Annie, de 9 anos. Ele não conseguiu comparecer ao funeral da criança ou visitar seu túmulo durante 12 anos.

Na verdade, ele evitou todo o distrito onde ele e ela viviam. E de certa forma, foi inesperado dizer que Darwin perdeu a fé porque perdeu sua filha favorita, aquela criança de 9 anos. E o artigo prossegue dizendo que foi isso que custou a Darwin o seu cristianismo.

É um equívoco comum pensar que o grande homem deixou de acreditar em Deus como resultado de sua pesquisa sobre a origem das espécies, especialmente a nossa. Na verdade, seu trabalho profissional nada teve a ver com suas crenças religiosas ou com a falta delas. Ele mesmo disse que a ciência e a fé eram bastante separadas e não necessariamente ligadas.

Ele deplorou, como fazem todos os homens e mulheres sensatos, a falácia de que a ciência era inimiga da religião. Ele pensava o contrário, se é que pensava. Mas ele não conseguia ver a justiça ou o motivo da morte de Annie.

E em vez de se enfurecer contra um Deus injusto e irracional, ele preferiu murchar a sua crença em Deus. E há um risco muito grande entre os crentes que estão sofrendo. E este foi o grande problema que recaiu sobre os crentes judeus como resultado do Holocausto.

Tão impensável que muitos judeus desistiram completamente da sua fé em Deus. E uma das grandes missões de Elie Wiesel foi deplorar isto e dizer, sim, não posso suportar o Holocausto, mas isso não tira a minha fé em Deus. Portanto, há um risco para a fé.

E há risco de vida. Achei um pouco exagerado no início. Dorothee Sulla, em seu livro sobre o sofrimento, chegou ao ponto de dizer: você deve verbalizar sua dor, deve expressá-la, caso contrário, isso poderá levar ao suicídio.

Seu luto pode ser tal, se você não lidar com ele, se você não passar pelos processos de luto, então pode muito bem ser que o resultado seja o suicídio. Mas lembro-me que numa das visitas do meu capelão, encontrei um jovem cristão que sofria exatamente da mesma forma. E deixe-me ler para você o que escrevi.

Raymond foi levado ao hospital, tarde da noite, como precaução contra o suicídio. Ele era um bom homem de vinte e poucos anos, auxiliando o pastor de jovens de sua igreja e dedicado a ajudar adolescentes. Agora, ele precisava de ajuda.

Alguns meses antes, seus pais haviam morrido, um após o outro, em dois duros golpes. Então ele descobriu que sua namorada havia morrido de overdose. Foi demais.

Ele foi trazido de ambulância para esta unidade psiquiátrica trancada. No dia seguinte, a equipe solicitou a visita de um capelão. Quando cheguei, acordei gentilmente Raymond de um sono exausto.

Com os olhos turvos, ele sentou-se na cama e disse: Tudo o que quero fazer é dormir. Fiquei feliz em ouvi-lo demonstrar essa forma segura de negação. Isso me fez perceber que sua internação não seria prolongada e que logo ele seria encaminhado para pacientes ambulatoriais.

E então, esta provavelmente seria minha única visita. Também percebi que esta não era a ocasião para um longo intercâmbio pastoral. Que mensagem curta eu poderia deixar sobre o caminho a seguir? Pensei por um momento e disse: Quero deixar três palavras para você, Raymond: lágrimas, conversa e tempo.

Acrescentei uma breve frase a cada palavra e disse-lhe para voltar a dormir e lembrar dessas três palavras quando acordasse. Eu o deixei e disse: Deus te abençoe. Mais tarde, no final do livro, volto a esta história.

Quando Raymond, o jovem cuja história de tristeza inconsolável foi contada na introdução deste livro, acordou de seu tão necessário sono, talvez não se lembrasse da minha visita. A exaustão e a depressão são soporíferos poderosos. No entanto, suspeito que essas três palavras, lágrimas, conversa e tempo, caíram como sementes em seu inconsciente e germinaram nas semanas que se seguiram.

O luto pela sua tragédia pessoal não teria um encerramento rápido ou fácil, mas a esperança emerge do luto. A esperança, instrumento de cura, tem sementes muito pequenas, mas são vivificantes. E aí estamos.

Esse risco deve ser muito levado em consideração, o risco de perda de fé e até mesmo o risco de perda de vidas.

Então , no décimo quinto ponto, o último ponto que quero dizer, refiro-me novamente a um livro de Gerald Sitzler, e refiro-me ao título, Uma graça disfarçada, como a alma cresce através da perda. E no começo fiquei ofendido.

Como diabos ele poderia dizer que é uma graça disfarçada? Ele perdeu a mãe. Ele perdeu sua esposa. Ele perdeu um de seus filhos naquele terrível acidente de carro.

Eventualmente, muito tempo depois ele conseguiu reconhecê-lo como uma graça disfarçada, e ele pôde comprovar isso com este subtítulo: Como a alma cresce através da perda. A certa altura, ele fala dessa forma e diz como, de uma forma estranha, a sua tristeza o ajudou a crescer e a sua dor o mudou para o bem. Isto é algo que precisamos ter em mente, algo que de forma alguma podemos apreciar por muito tempo quando estamos obcecados pelo luto, e descobrimos que o luto é, na verdade, obsessivo.

Jesus disse: Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. A tristeza indica que as pessoas que sofreram perdas vivem autenticamente num mundo de miséria e expressa a angústia emocional das pessoas que sentem dor por si mesmas ou pelos outros. A tristeza é nobre e graciosa.

Amplia a alma até que ela seja capaz de lamentar e regozijar-se simultaneamente, de sentir a dor do mundo e esperar pela cura do mundo ao mesmo tempo. Por mais dolorosa que seja, a tristeza faz bem à alma. A tristeza profunda muitas vezes tem o efeito de despojar a vida do fingimento, da vaidade e do desperdício.

Obriga-nos a fazer perguntas básicas sobre o que é mais importante na vida. O sofrimento pode levar a uma vida mais simples, menos confusa com coisas não essenciais. É maravilhosamente esclarecedor.

É por isso que muitas pessoas que sofrem perdas repentinas e graves muitas vezes se tornam pessoas diferentes. Passam mais tempo com os filhos ou cônjuges, expressam mais carinho e apreço aos amigos, mostram mais preocupação com outras pessoas feridas, dedicam mais tempo a uma causa nobre, ou desfrutam mais do extraordinário, do comum, desfrutam mais da normalidade da vida. No filme, O Doutor, um médico arrogante que pouco se importa com as reais necessidades de seus pacientes se transforma quando de repente ele próprio se torna um paciente.

O seu próprio relato do seu encontro com o cancro torna-o sensível às pessoas que anteriormente tratava apenas como corpos doentes. E aí estamos nós. É estranho dizer, há algo muito positivo a dizer sobre a dor, o sofrimento e a tristeza, que isso

aconteceu, pode nos ampliar, pode nos mudar para sempre, e podemos ser felizes, realmente ficar felizes por isso, e até pensar em agradecer a Deus. por isso, que algo de bom saiu disso.

Romanos 8:28, esse bom efeito, afinal é verdade.

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Lamentações. Esta é a sessão 15, Lamentações e Cristianismo.